

UNB É A ESTRELA

A cerimônia de abertura do Festival de Brasília, na Sala Villa-Lobos, não poderia ter sido mais brasiliense. Professores e ex-alunos da Universidade de Brasília (UnB) foram os protagonistas da noite que começou com a música Eduardo e Mônica, da Legião Urbana, nos acordes da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional sob o comando do maestro Silvio Barbato. Terminou com aplausos a Barra 68 — Sem perder a ternura, documentário do diretor paraibano-brasiliense Vladimir Carvalho.

O filme, que recupera detalhes das invasões da UnB durante a ditadura militar, destacando o fechamento da universidade em 1968, foi bem-recebido pela platéia e ainda colecionou elogios dos personagens envolvidos na história narrada por Othon Bastos e por ex-alunos e professores. Para o fotógrafo Luís Humberto, que estava entre eles, Vladimir Carvalho recuperou importante capítulo da história da UnB.

“Há muitas coisas dessa história que o público não sabia e as gerações mais novas precisavam saber o que aconteceu. A UnB não é uma universidade qualquer. Ela paga um tributo altíssimo por estar junto do poder central”, disse Luís Humberto, que viu o documentário pela primeira vez e garante ter ficado emocionado durante toda sessão.

A empresária Maria Rosa Monteiro, mãe de Honestino Guimarães, líder estudantil da UnB no tumultado período de invasões ao campus, desaparecido em 1976, também elogiou Barra 68. “É fora do sério, maravilhoso.” Para ela, Brasília ganhou “um patrimônio a mais”. “É o registro de uma mancha negra do nosso país que não havia sido feito. O filme atingirá a todos pela forma com que foi feito”, avaliou.

“A reação do público funcionou como recarregamento de baterias. Me emocionei várias vezes durante a projeção. Fui banhado por uma energia positiva. Isso só foi possível porque tenho relação de amor com Brasília, de quem me considero filho adotivo”, declarou Vladimir Carvalho.

O documentarista anunciou que fará “uma convocação positiva” do movimento estudantil. A proposta é criar o circuito universitário de cinema, idéia defendida pelo cineasta Leon Hirszman (Eles Não Usam Black Tie) nas décadas de 60 e 70. “Estou disposto a fazer essa cruzada pelo Brasil, sem nenhuma remuneração.” (Klecus Henrique)